



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS – CSHNB
CURSO DE HISTÓRIA

RÔMULO IVO ARAÚJO LUZ

**CIDADE E CULTURA: PRÁTICAS COTIDIANAS DO BAIRRO
IPUEIRAS EM PICOS-PI (1960-2009)**

PICOS – PI
2014

RÔMULO IVO ARAÚJO LUZ

**CIDADE E CULTURA: PRÁTICAS COTIDIANAS DO BAIRRO
IPUEIRAS EM PICOS-PI (1960-2009)**

Monografia apresentada por Rômulo Ivo Araújo Luz ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do diploma de **Licenciado em História**. Elaborada sob orientação do Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima Santos.

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

L979c Luz, Rômulo Ivo Araújo.
Cidade e Cultura: práticas cotidianas do bairro ipueiras em
Picos-PI (1960 – 2009) / Rômulo Ivo Araújo Luz. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (56 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Prof. MSc. Raimundo Nonato Lima Santos

1. Bairro Ipueiras 2. Picos-PI. 3. Cotidiano. 4. Memória. I.
Título.

CDD 981.812 2

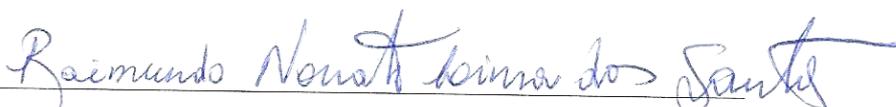
RÔMULO IVO ARAÚJO LUZ

**CIDADE E CULTURA: PRÁTICAS COTIDIANAS DO BAIRRO
IPUEIRAS EM PICOS-PI (1960-2009)**

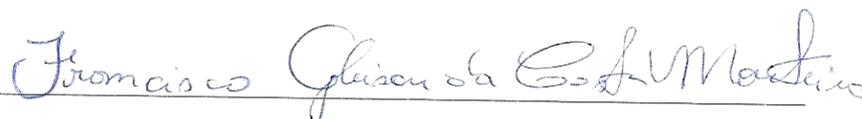
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí. Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Aprovada em 07/04/2015

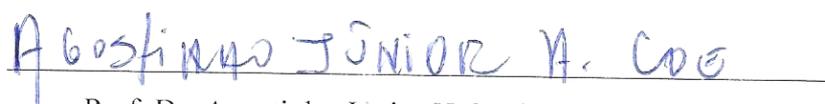
BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos – Orientador

Universidade Federal do Piauí


Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro – Examinador

Universidade Federal do Piauí


Prof. Dr. Agostinho Júnior Holanda Coe – Examinador

Universidade Federal do Piauí

AGRADECIMENTOS

Tenho de salientar que esta não é uma conquista individual. É uma conquista coletiva, pois para chegar aonde cheguei contei com o incentivo de muitas pessoas.

Ao longo da minha trajetória de vida me deparei com dois seres humanos exemplares que me ensinaram a amar, respeitar, aprender, e que o conhecimento é o bem mais precioso que existe e que ninguém é capaz de nos tirar. Me ensinaram a viver a vida. Por isso quero agradecer ao meu pai e a minha mãe, pois me proporcionaram ser o que sou hoje, ajudaram a construir meu caráter e minha personalidade. Desde pequeno não mediram esforços para me dar toda educação que eu precisasse, muitas vezes sacrifícios e renúncias para me proporcionar a melhor educação que podiam. Sei que poderiam ter uma vida mais confortável, mas optaram primeiramente por dar educação aos seus filhos sem medir esforços.

Sei que foram muitas as vezes pai e mãe que vocês estavam exaustos mas tiveram que trabalhar para proporcionar o melhor aos seus filhos, além de vocês me proporcionarem educação, vocês me formaram na escola da vida como pessoa, vocês me ensinaram com amor sobre valores.

E hoje estou perto de concluir um dos meus cursos e sei que por dentro vocês estão muito orgulhosos, se duvidar ainda mais felizes do que eu. Então, se cheguei até aqui vocês são os principais responsáveis. No mundo existem pais e mães, mas iguais a vocês duvido que existam. Saibam que eu agradeço todos os dias a Deus por ser filho de vocês. Amo vocês.

Também gostaria de agradecer a meus irmãos Renan e Ruth, vocês me proporcionaram a sensibilidade de cuidar, a vontade de ser uma pessoa bem sucedida para que eu pudesse ser um bom exemplo para vocês, e isso tornou meus sonhos maiores assim como a vontade de realizá-los. Não esquecerei jamais os dias em que eu estava trancado no quarto e gritava vocês para pegarem um copo de água pra mim, e carinhosamente vocês o pegavam, amo vocês.

Quero agradecer aos meus avós figuras que sempre estiveram presentes na minha vida, seja na educação, seja na forma carinhosa de me tratar, vocês e a família de modo geral são essenciais na conquista.

Quero agradecer a minha namorada Iara que muito me ajudou nessa caminhada, sem você esse caminho seria muito mais difícil, com você aprendi muito e também sempre quis me dedicar para deixa-la orgulhosa, lembro-me de tudo que passamos e de como segurou a minha mão tão forte nos momentos mais difíceis dessa trajetória acadêmica e da minha vida.

Queria agradecer a todos os meus amigos de uma forma geral, mas gostaria de citar Marlony e Luís Filipe amigos leais e solidários. Já no campo acadêmico, nesse período de graduação, conquistei amigos que levarei pela vida inteira, como Jussan, Paulo Vítor (Baiano), Ricardo, Carvalho, Anderson e Shayane, quando o peso de dois cursos recaiu sobre mim essas pessoas foram essenciais e me apoiaram bastante e me deram a força necessária para concluir meu objetivo.

Quero agradecer a todos os professores que participaram de minha vida, pois hoje sou um pequeno pedaço de cada um de vocês, vocês têm a profissão mais bonita do mundo e assim como vocês eu quero espalhar conhecimento pelas pessoas. Em especial gostaria de agradecer ao meu professor orientador Raimundo Nonato Lima dos Santos, pois você sempre se mostrou disponível e solidário. Um dos dias mais felizes da minha vida foi quando conversei sobre minha proposta temática e você disse que aceitava ser meu orientador. É bom ter um orientador como espelho e melhor ainda se for um orientador como você que sempre age com muita disciplina e bondade, sempre extraí o melhor que a pessoa pode dar.

Quero agradecer aos meus depoentes que tiraram um pouco do seu tempo para me ajudar a realizar essa pesquisa, sem vocês esse trabalho não seria concluído.

Até chegar aqui o meu caminho foi longo, no final do período passei por coisas dignas de um filme, foi difícil, foi árduo, mais nunca me faltou Deus, sempre meu coração esteve repleto de fé e sei que diante das dificuldades Deus é quem me sustenta e que me faz vencer, obrigado meu Deus.

Se tu tens um sonho, lute, persista, nunca desista. Pois tu podes passar noites insones e dificultosas, mas um dia o teu esforço te levará a conquista dos teus objetivos.

“Tudo aquilo que o homem ignora, não existe pra ele. Por isso o universo de cada um, se resume no tamanho de seu saber”.

Albert Einstein

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar as práticas cotidianas do bairro Ipueiras da cidade piauiense de Picos, no período de 1960 a 2009. Nesse recorte temporal a cidade passou por transformações urbanas, econômicas e sociais. O trabalho tem como base as fontes orais e a pesquisa bibliográfica em autores como Varão (2007), Vieira (2005), Neto (2003) e Duarte (1995). As reflexões teóricas seguem os estudos de Corrêa (2000), Rolnik (2004), Delgado (2006) e Teixeira (1986). A pesquisa indicou o processo de urbanização sofrido pelo bairro Ipueiras e apontou o fato de que algumas práticas cotidianas dos moradores permanecem enquanto outras se perderam ao longo tempo.

Palavras-chave: Bairro Ipueiras. Picos. Cotidiano. Memória.

ABSTRACT

The research aims to analyze the daily practices in Ipueiras district in Picos, Piauí, from 1960 to 2009. In that time frame the city has experienced urban, economic and social transformations. The work is based on oral sources and bibliographic research. The theoretical reflections follow the studies of CORREA (2000), ROLNIK (2004), DELGADO (2006), TEIXEIRA (1986), VARAO (2007), VIEIRA (2005), NETO (2003), DUARTE (1995). The research has indicated the process of urbanization through which the Ipueiras neighborhood went, and observed that some daily practices of residents remain and others have been lost over time.

KEYWORDS: Bairro Ipueiras. Picos. Everyday. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Plantações nas margens do rio Guaribas na década de 1950	16
Figura 2: Feira livre na cidade de Picos por volta da década de 1940	17
Figura 3: Enchente de Picos no ano de 1960.....	19
Figura 4: Repovoamento da cidade de Picos à margem direita do rio Guaribas, por volta do ano de 1912.....	22
Figura 5: Avenida Getúlio Vargas em Picos PI	23
Figura 6: Dia de missa na Igreja Sagrado Coração de Jesus de Picos, foto do século XVII	24
Figura 7: Casas do bairro Ipueiras sendo alagadas pela enchente de 1960.....	27
Figura 8: Leito do Rio Guaribas no bairro Ipueiras, ocupado por currais e cercamentos ilegais em 22/09/2014.....	31
Figura 9: O gado se alimentando no bairro Ipueiras, em data 22/09/2014	33
Figura 10: Roças no bairro Ipueiras servindo como pasto para o gado, data 22/09/2014	35
Figura 11: Vista do Morro da Santa Cruz no bairro Ipueiras.....	39
Figura 12: Vista Panorâmica da cidade de Picos a partir do Morro da Santa Cruz, em 2009.	40
Figura 13: Padre Valmir após celebrar uma missa no Morro da Santa Cruz, em 03/05/2009	42
Figura 14: Reisado de Damas no bairro Ipueiras, moradores do bairro caracterizados para as cantigas e enredos.....	46
Figura 15: Apresentação do Reisado de Damas no bairro Ipueiras	47
Figura 16: Reisado de Damas no bairro Ipueiras: Da esquerda pra direita Zé Pequeno (burrinha) sapateando, Armínio Luz (Lacau).....	49

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REPOVOAMENTO PARALELO: PICOS E BAIRRO IPUEIRAS	15
1.1 Panorama Histórico da Cidade Modelo	15
1.2 A formação da cidade de Picos	20
1.3 A formação do bairro Ipueiras.....	25
2 PRÁTICAS COTIDIANAS NO BAIRRO IPUEIRAS	30
2.1 A criação de gado e a agricultura de subsistência no bairro Ipueiras	30
2.2 A subida ao Morro da Santa Cruz ou Morro do Quebra Pescoço	36
2.3 Reisado no Bairro Ipueiras	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
FONTES E REFERÊNCIAS	52

Introdução

O interesse desse objeto de pesquisa surgiu a partir de uma conversa com meu avô José João de Araújo, onde dialogávamos sobre o lugar que moramos – o bairro Ipueiras – na cidade de Picos, Piauí. O dialogo fluía sobre as mudanças que ocorreram no bairro ao longo do tempo, e a partir de então me senti entusiasmado e entrei em contato com bibliografias referentes a cidade de Picos, tais como: Picos: Os Verdes Anos Cinquenta; A Genealogia da Família Luz; Educação e Sociedade Picoense; Picos: histórias que as famílias contam, senso demográfico do IBGE; mapas; fotografias e as entrevistas constatadas através da história oral.

O bairro Ipueiras é um dos bairros mais antigos de Picos, sua formação ocorreu de forma paralela à formação da cidade. O mesmo segundo o senso do IBGE (2010) é o quinto bairro mais populoso da cidade, tendo 3.588 habitantes.

O recorte temporal analisado foi de 1960 – 2009. No período de 1960 o bairro Ipueiras passou por uma grande enchente do rio Guaribas, posterior a essa enchente aconteceram várias transformações urbanas, dentre elas foram: a chegada da energia elétrica, o asfaltamento de algumas ruas, a chegada das primeiras televisões, a chegada do telefone, que contribuíram pra transformações no âmbito espacial, econômico, cultural, que alteraram de modo significativo a vivência desses moradores que fez com que algumas práticas permanecessem vivas e outras apenas na memória dos moradores mais antigos. No ano de 2009 as missas foram oficializadas pela igreja católica no morro da Santa Cruz ou morro do Quebra Pescoço e partir daí todo dia 03 de maio os moradores do bairro sobem o morro, num ato de fé, comemorando, rezando, pagando penitencias. A oficialização dessas missas atraiu mais fiéis e contribui para que essa tradição fosse mantida com o passar dos anos.

A pesquisa com as fontes, além de apresentar dados sobre o bairro, mostraram a necessidade de busca de outros materiais, desta forma, faltavam dados nas fontes escritas, então optamos pela metodologia da História Oral, realizando entrevistas com pessoas que vivenciaram o processo de transformação do bairro apontado nesta pesquisa. Para Lucília de Almeida Neves Delgado (2006)

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fonte e documento, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006 p. 15)

O historiador necessita de documentos variados, não apenas os escritos, por isso a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia.

[...] a história oral apenas pode ser empregada em pesquisa sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado não muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. (ALBERTI, 1989 p. 4).

Conforme a citação a história oral tem seu foco na memória humana, na capacidade de relembrar o passado enquanto testemunha do que já foi vivido. A memória pode ser entendida com a presença do passado, com uma construção de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca como um todo, mas incompleto em decorrências dos impulsos para sua seleção.

A escolha da história oral cumpriu-se na perspectiva da importância do método para a arrecadação de informações. A história oral será utilizada em conjunto com a documentação, para a elaboração de narrativas sobre as realidades vivenciadas pelos moradores do bairro Ipueiras ao longo da existência do bairro.

Concedida a importância dos relatos orais como fontes de pesquisa, foram efetuadas entrevistas com seis pessoas entre homens e mulheres, a saber: Antônio Francisco do Nascimento, Cleosvaldo de Araújo Luz, Emília Araújo Luz, Francisco Agostinho da Luz, José João de Araújo e José Walmir Lima. A escolha desses entrevistados se deu por serem moradores do bairro ou por possuírem envolvimento com o mesmo, as memórias desses agentes sociais entrevistado foram construídas no presente a partir de práticas vividas no passado.

As práticas cotidianas do bairro Ipueiras foram abordadas nessas pesquisas, apontando as modificações que a urbanização trouxe, e como ela interferiu no cotidiano dos moradores. Pode ser notado nessa pesquisa que as práticas culturais dos moradores desse bairro, são práticas que ocorrem em outros lugares do Piauí, e em toda a região Nordeste.

O cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velados. Não se deve esquecer este "mundo memória", segundo a expressão *Péguy*. É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. (CERTEAU, p. 31, 1998).

O cotidiano muitas vezes pode nos passar despercebido, pois praticamos ele todos os dias, são atividades diárias, o cotidiano são nossas memórias, memória de lugares que vivemos na infância, adolescência, são brincadeiras de infâncias, são as atividades das pessoas peculiares de cada bairro. O estudo do cotidiano em geral é feito pela análise do indivíduo envolvido em relações com outros indivíduos, e estes indivíduos estão inseridos em um espaço que possibilita a soma conjunta de ações junto ao meio onde o indivíduo vive, criando suas próprias experiências de vida.

Essa monografia encontra-se dividida em dois capítulos. No capítulo 1, “Repovoamento paralelo: Picos e bairro Ipueiras” é possível analisar o repovoamento de Picos e do bairro Ipueiras, analisando a importância do rio Guaribas para as pessoas que povoaram essa cidade, analisamos também o espaço a qual Picos está situado, analisando características comerciais que tornaram Picos uma das cidades com maior número de habitantes do Piauí, e com uma das maiores economias do estado, foi concedido a Picos em 1966 o título de Município Modelo do Piauí pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA), devido ao seu crescimento e desenvolvimento alcançado, foi abordado a feira livre de Picos que até hoje é destaque como uma das maiores feiras do Nordeste, foi discorrido sobre a enchente que atingiu a cidade em 1960, as mudanças ocorridas no bairro Ipueiras com a chegada do asfalto as ruas, a chegada da energia, e as práticas cotidianas, econômicas e culturas dos primeiros moradores do bairro Ipueiras. O primeiro capítulo foi organizado em três tópicos, assim intitulados: 1.1-Panorama Histórico da Cidade Modelo, 1.2- A Formação de Picos e 1.3- A Formação do bairro Ipueiras.

No capítulo dois fizemos um estudo mais aprofundado das práticas cotidianas e da cultura que ainda permanecia no bairro, e tradições passadas que já desapareceram ou que estão desaparecendo. A criação de gado e agricultura de subsistência estiveram presentes no bairro desde o repovoamento, e até hoje essas práticas se fazem presentes no bairro mesmo que numa proporção bem menor nos dias atuais, percebemos que essas atividades aos poucos foram substituídas por outras atividades. Expomos sobre uma tradição religiosa que está conservada a mais de 200 anos, a subida do morro da Santa Cruz ou morro do Quebra Pescoço, considerado para os moradores desse bairro um local sagrada, que nos aproxima de Deus, um lugar que foi marcado por um incidente histórico segundo o que foi apontado pelos moradores desse bairro, em 2009 essa tradição foi mais fortalecida com o maior reconhecimento da igreja católica e instituição de missas naquele local duas vezes por ano, e vimos o esforço da comunidade de Ipueiras para restaurar aquela cruz histórica. O Reisado de Damas uma dança folclórica composta por dramaturgia, dança, repentis, brincadeiras e

música praticada pelos moradores mais velhos do bairro e que aos poucos está se acabando, hoje é uma atividade que é pouco conhecida pelos moradores mais jovens do bairro, e que aos poucos vai ficando viva apenas na memória dos moradores mais velhos do bairro. O segundo capítulo foi dividido em três tópicos, assim intitulados: 2.1- A Criação de Gado e a Agricultura de Subsistência no Bairro de Ipueiras, 2.2- A subida ao morro da Santa Cruz ou morro do Quebra Pescoço, 2.3-Reisado no Bairro Ipueiras.

Capítulo 1

A FORMAÇÃO DA CIDADE DE PICOS E DO BAIRRO IPUEIRAS

1.1 Panorama histórico da *Cidade modelo*

O município de Picos está localizado na região centro-sul do Piauí, nos baixões agrícolas com uma área, segundo dados do IBGE (2010) de 534,715 km² e uma população de 73.414 habitantes, ocupando o 3º lugar em relação ao estado, estando atrás apenas de Teresina e Parnaíba. Possui também o segundo maior entroncamento da região Nordeste, além de possuir seis universidades: Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Universidade Federal do Piauí (UFPI), Instituto de Ensino Superior Raimundo Sá (IERSA), Instituto Superior de Educação Antônio Freire, Universidade Norte do Paraná (Núcleo de Picos), Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), e quatro institutos federais de educação e aprendizagem Serviço Nacional da Aprendizagem Industrial – SENAI/FIEPI; Serviço Nacional da Aprendizagem Comercial – SENAC; Serviço Social da Indústria – SESI e o Serviço Social do Transporte – SEST/SENAT, que a torna uma cidade universitária.

Picos é conhecido como capital do mel pois é uma das cidades que mais produz mel no Brasil, o mel produzido em Picos também é reconhecido internacionalmente por sua ótima qualidade, é também conhecida como cidade modelo pelo título que lhe foi concedido de Município Modelo do Piauí pelo Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA) no ano de 1966, o título lhe foi conferido pois nesse período houve um desenvolvimento de minifúndios com culturas de vazantes.

Picos tem um dos maiores PIB (Produto Interno Bruto) do Piauí, destacando-se como uma das maiores economias do estado.

Segundo o renomado economista Renato Duarte (1995) Picos possuía produção de matérias-primas voltadas para exportações, por conta da Segunda Guerra Mundial houve o impulsionamento à exportação de produtos aqui produzidos como algodão, borracha de maniçoba, couro, cera de carnaúba, fumo. Com o término da guerra os produtos tradicionais exportados por Picos foram perdendo demanda internacionalmente e automaticamente reduzindo a exportação desses gêneros.

No período de 1950 houve uma aproximação entre Nordeste e Sudeste com a conclusão da rodovia BR-316, que ligava o Rio de Janeiro a Salvador. As regiões do Nordeste começaram um processo de desindustrialização, com o fim da Segunda Guerra Mundial a região Nordeste começou a perder mercado e a região do Sudeste, principalmente São Paulo

tomou a dianteira na industrialização tomando o lugar das exportações que antes eram das regiões do Nordeste.

Com essa perda na exportação de produtos o município de Picos começou voltar suas atividades para o comércio tendo em vista que possui uma posição estratégica. A antiga estrada que antes servia para o trajeto das boiadas dos primeiros vendedores de cavalo que aqui se instalaram passava aos poucos a se tornar um entroncamento rodoviário, e consequentemente fazendo da cidade um polo comercial. Além de que Picos possui diversas vilas, povoados e cidades nas suas proximidades que alimentam o seu comércio.

De acordo com dados do IBGE, a população do município na década de 1950 é de 54.713 habitantes, sendo que 50.145 (91,65%) viviam na zona rural e apenas 4.568 (8,35%) tinham domicílio na área urbana, portanto durante as décadas de 1940 e 1950 Picos ainda era uma cidade com aspecto rural, todavia começavam a ocorrer várias transformações. A agricultura começou a ganhar papel de destaque como uma das principais atividades econômicas da cidade, que possuía extensas plantações no leito do rio Guaribas, na maioria dessas plantações predominava o cultivo do alho, da cebola, da batata doce e também de abóbora, como podemos observar na imagem abaixo:

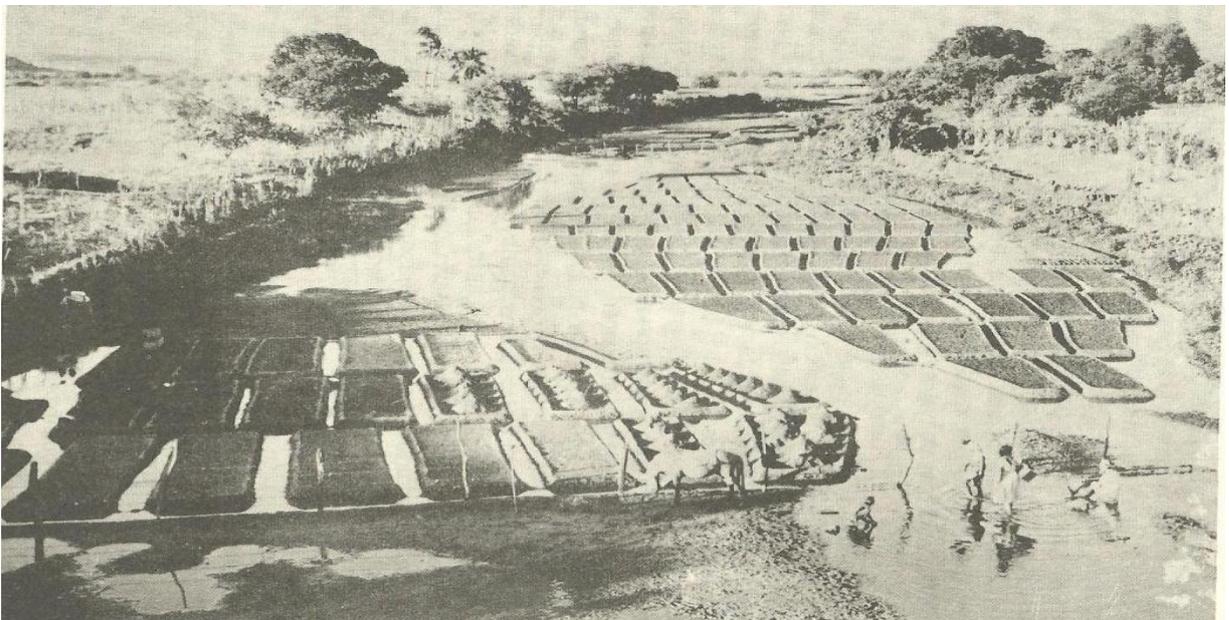


Figura 1: Plantações nas margens do rio Guaribas na década de 1950.

Fonte: DUARTE, R. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. ed. Recife: Nordeste, 1995. P.23.

Na imagem acima podemos observar as plantações feitas na vazante do rio Guaribas, onde eram plantados vários gêneros como batata doce, cebola, coentro, abóbora, alho, dentre outros. Outro aspecto interessante na foto é que há um homem e uma mulher, provavelmente marido e esposa o que nos revela que era uma agricultura praticada no âmbito familiar,

podemos perceber que junto a cerca há um cavalo amarrado, o cavalo era um meio de transporte importante para a época.

O rio Guaribas era de extrema importância para os picoenses já que era fonte de água potável para consumo, assim como também era importante para a economia, já que possuía terras férteis em suas margens, e proporcionava o desenvolvimento da agricultura.

Devido ao crescimento da agricultura nas margens do rio Guaribas e à grande produtividade alcançada, houve o impulsionamento à prática comercial em Picos. Os produtos obtidos a partir do rio Guaribas eram comercializados na feira livre da cidade. Podemos observar a prática comercial feita nas feiras livres em Picos na imagem abaixo:



Figura 2: Feira livre na cidade de Picos por volta da década de 1940.

Fonte: Acervo de Cristino Varão.

A imagem acima faz parte do acervo particular de um dos primeiros fotógrafos picoenses, Cristino Varão. Nela podemos perceber a feira ao ar livre, o Mercado público na lateral esquerda, bem como a presença de animais como burros, jumentos e cavalos que eram os principais meios de transportes da época. A feira atraía um grande fluxo de picoenses, como também pessoas de regiões vizinhas.

Na feira livre de Picos eram comercializados diversos produtos tais como animais de cargas (burros, jumentos, cavalos), assim como produtos oriundos da própria cidade, como o alho, a batata doce, a cebola, o feijão, o milho, o arroz, dentre outros. Com isso a feira foi crescendo e se tornando umas das principais fontes de renda e arrecadações da cidade de Picos.

O governo do presidente do Brasil Juscelino Kubitschek de Oliveira entre 1956-1961 elevou o status do país com sua política desenvolvimentista, no qual mostrou um grande

avanço, incentivando o progresso econômico por meio da industrialização. Atraiu o capital estrangeiro para o país principalmente no ramo da indústria automobilística, investiu na criação de rodovias não só nas vias urbanas, mas as que faziam ligação com outra parte do país, tendo a intenção de partir com essas rodovias para o interior como forma de integração nacional.

O plano de governo de Juscelino Kubitschek refletiu no município de Picos, segundo Duarte (1995) a década de 1950 é considerada a época de ouro da cidade de Picos, pois nesse período ocorreram grandes mudanças tanto no contexto político quanto social e econômico. Nesse período a economia de Picos cresceu juntamente com indústria e o comércio ativo aumentando a demanda de produtos e consumidores.

No entanto, como nos ensina Raimundo Nonato Lima Santos (2007) a estrutura demográfica rural brasileira foi se invertendo, a partir de 1950 com a euforia nacional desenvolvimentista do governo de Juscelino Kubitschek. Mas nas cidades do interior do Brasil, esse desenvolvimento urbano ocorreu de forma mais lenta no governo JK e também devido aos escassos recursos das prefeituras gerados pela centralização política dos governos militares, a partir de 1964. Essa lenta urbanização ocorreu na cidade de Picos, onde o bairro Ipueiras, por exemplo, só começou a receber a instalação de energia elétrica na década de 1970 e apenas em algumas casas.

Na década de 1950 ocorreram melhorias na rede elétrica e no sistema de abastecimento de água com a perfuração de vários poços, mas essas melhorias atingiam apenas uma parcela da população. A partir desse período Picos passa a perder territórios, ocorrendo o desmembramento de algumas localidades que passariam a formar novos municípios. O primeiro povoado a ser desmembrado formou o município de Itainópolis em 1954 e posteriormente ocorreram outros desmembramentos.

A população picoense passou por catástrofes naturais na década de 1960, com muitas chuvas, que provocaram grandes cheias no rio Guaribas, essas enchentes atingiram a população ribeirinha e áreas próximas, causando grandes prejuízos.



Figura 3: Enchente de Picos no ano de 1960.

Fonte: Museu Ozildo Albano.

A imagem acima apresenta uma vista aérea da igreja matriz da cidade de Picos considerada uma das sétimas maravilhas do Piauí. Podemos observar atrás da igreja o rio Guaribas transbordando e invadindo a cidade Picos. É possível ver também casas quase cobertas pelas águas, alguns carros, como fuscas, rurais, jipes e um caminhão “pau de arara”. Nessa época poucos picoenses tinham carros, restringindo sua propriedade àqueles de um elevado poder aquisitivo. Repare que a presença de carros na foto é no período do governo de Juscelino Kubitschek, governo este que investiu nas indústrias automobilísticas e nas rodovias.

As enchentes do mês de março de 1960 são consideradas a maior enchente da história de Picos, pois foram várias enchentes em dias diferentes desse mês. Ocorrendo grandes desastres, como morte de pessoas, de animais, perda nas lavouras, destruição de ruas e casas, muitas pessoas ficaram desabrigadas.

Atualmente a cidade de Picos constitui-se como o segundo maior entroncamento rodoviário do Nordeste ficando atrás somente de Feira de Santana na Bahia. Ela se tornou o segundo maior entroncamento rodoviário do Nordeste devido a pavimentação asfáltica da BR 316 (Rodovia Transamazônica), 407 e 020, que cortam e dão acesso ao município de Picos. Esse entroncamento rodoviário favorece a cidade de Picos, pois possibilita a ela um intercâmbio comercial direto com os estados do Maranhão, Pará, Amazonas, Ceará, Pernambuco, e Bahia. A cidade de Picos é considerada porta de acesso e saída de terras

piauienses; possui um interligamento com cerca de quarenta municípios, sendo que alguns desses, antes de sua emancipação política, pertenciam ao seu território.

O posicionamento geográfico da cidade de Picos fez com que sua população ficasse marcada pela mistura étnica tendo em vista que sua população é formada por indivíduos de diversos lugares, esse posicionamento proporcionou a Picos um crescimento rápido, estabelecendo um comércio forte. Segundo dados de 2004 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Picos tem o terceiro maior Produto Interno Bruto (PIB) do Piauí, se destacando como uma das maiores economias do Estado.

A maioria dos municípios vizinhos de Picos não consegue suprir as necessidades de sua população. Esses municípios vizinhos possuem várias carências que são supridas por seus moradores na cidade de Picos. A população desses municípios interligados se tornou ponto forte do comércio de Picos, pois passou a ser cidade referência em aspectos sociais e econômicos. Estes migrantes temporários se dirigem a Picos diariamente para buscar serviços de saúde, de educação, para a compra de vários produtos, como os do gênero alimentício e de confecção, além de outras atividades.

Picos tem chamado a atenção de comerciantes de toda parte do Brasil e também de comerciantes estrangeiros. Alguns estrangeiros instalaram lojas comerciais na cidade de Picos, é o caso de alguns argentinos e chineses.

Com o passar dos anos a população picoense foi crescendo em um ritmo rápido, sendo que a infraestrutura urbana da cidade não acompanhou esse crescimento. Hoje Picos tem um trânsito muito agitado, que é muitas vezes comparado por picoenses ao trânsito da Índia. Há uma grande quantidade de motocicletas e de carros que nos horários de pico deixam o trânsito intrafegável, marcado pela desordem e acidentes. O principal acesso ao centro de Picos ainda é a Avenida Getúlio Vargas que não consegue comportar de forma eficiente os vários transportes que ali circulam.

1.2 A formação da cidade de Picos

Segundo o renomado economista picoense Renato Duarte, o local onde hoje está situada a cidade de Picos era, inicialmente, uma fazenda chamada Retiro do Currealinho, pertencente à família Borges Leal. O município de Picos teve sua formação no povoado de Bocaina, com a instalação de fazendas pela família Borges Marinho, que se expandiram até a área onde se encontravam vários picos de terra, começando o povoamento desse território pertencente a cidade de Oeiras, em 1740.

As instalações dessas fazendas funcionaram como um imã que foi atraindo mais pessoas para essa região, e aqui foi havendo uma maior concentração de homens como nos ensina a urbanista Raquel Rolnik “a cidade é, antes de qualquer coisa um imã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia” (ROLNIK, 2004, p.13).

Considerando que aqui já existiram outros povos, tais como índios, podemos afirmar que a chegada dos europeus apenas contribuiu para o repovoamento dessa região. Esse repovoamento deveu-se ao desdobramento da Fazenda Curralinho por outras fazendas instaladas na região, proporcionando maior impulso no crescimento do povoado.

A formação da futura cidade de Picos começou no século XVIII com a vinda do português Félix Borges Leal, que advinha da Bahia. Félix Borges Leal se instalou em Picos e criou a fazenda Curralinho que ficava situada às margens do rio Guaribas, em uma região propícia para a agricultura e também para criação de gado que foram as bases da economia no período do seu repovoamento.

E assim por conta da imensidão do espaço e das facilidades de penetração proporcionada pela caatinga nordestina as imensas boiadas baianas espalharam-se pelo Piauí, fazendo com que os currais aqui instalados atraíssem outras pessoas que em buscas de áreas ainda não ocupadas, se aventuraram pelo sertão piauiense estabelecendo-se na região atualmente conhecida como microrregião de Picos. (VIEIRA, 2005, p. 21).

Com o passar dos anos e pela imensidão desse espaço foram chegando vários parentes de Borges Leal que deram início a aglomerações que formaram vilas e posteriormente a cidade de Picos, no entorno de fazendas de gado. As vilas eram inferiores hierarquicamente às cidades, mas superiores às aldeias, já que estas últimas constituíam uma população rural com poucos habitantes.

O papel que desempenhou a pecuária foi de fundamental importância para todo o processo de ocupação territorial da região picoense. Picos foi, de início, uma sede de fazenda. Sua localização atraiu os cavalarianos (compradores de cavalos, no linguajar local) das então províncias de Pernambuco e Bahia, que lá foram se instalando. Posseiros se localizaram nas imediações da fazenda, aproveitando as áreas de baixão. (COSTA, 1974, p. 50).

Como percebemos através de Costa a região passou a atrair pessoas de outras províncias por ter uma terra fértil e por ter água em abundância proporcionada pelo rio Guaribas que facilitava a plantação de vários tipos de grãos, e ainda possibilitava o surgimento de pastagens que servia para a alimentação de cavalos e do gado. Compradores de cavalos e tropeiros que vinham de outros estados começaram a usar a região de Picos como

ponto de apoio em suas jornadas de viagens, instalando aqui currais e aos poucos fixando residência.



Figura 4: Repovoamento da cidade de Picos à margem direita do rio Guaribas, por volta do ano de 1912.
Fonte: Museu Ozildo Albano.

Na imagem acima temos a visão do rio Guaribas, na sua margem direita é possível ver algumas casas alguns de tijolos e telhas, e outras casas de taipas, bem ao fundo é possível ver a igreja Sagrado Coração de Jesus, mais conhecida pela população local como *igrejinha*.

O repovoamento de Picos se deu de forma lenta e gradual através de colonizadores e escravos advindos das províncias de Pernambuco e Bahia, com o passar dos anos se instalaram aqui homens de sangue Europeu, sertanejos, índios. Os mesmos começaram a formar aglomerações entre a margem direita do rio Guaribas e o Morro da Mariana, na primeira metade do século XVIII. A economia do Estado nessa época era baseada na pecuária extensiva e nas vendas de gado e cavalo e, em Picos não foi diferente.

Conforme Duarte (1995) o nome de Picos surgiu em virtude dos montes picosos que circulam o lado direito do rio Guaribas, que na época, era mais pujante em suas duas veias arteriais principais. No século XVIII, o até então povoado, possuía uma área territorial imensa, que ia desde próximo a cidade de Oeiras, a primeira capital, até o povoado Patrocínio (depois cidade de Pio IX). De ponta a ponta a área territorial somava mais de 300 quilômetros de extensão.

A cidade de Picos começou a ser formada na Rua Velha e, anos depois, surgiu a Rua Grande que hoje é conhecida como Avenida Getúlio Vargas.



Figura 5: Avenida Getúlio Vargas, em Picos Piauí.

Fonte: Acervo de Cristino Varão.

Na imagem acima é possível ver a Avenida Getúlio Vargas quando ainda era de calçamento. Na imagem dos anos 1950 podemos observar algumas pessoas, um caminhão e um jipe. Nesse período as ruas eram calmas, praticamente sem trânsito, uma vez que poucas pessoas tinham condições financeiras de comprar um carro.

As pessoas que aqui fixaram moradia juntamente com sacerdotes da Igreja Católica construíram um templo de orações dedicado a São José, décadas depois passaram a cultuar o “Coração de Jesus” nesse mesmo espaço – estendendo suas preces até a virgem Maria no qual permanece até hoje. Conhecida hoje como igreja do Sagrado Coração de Jesus é um patrimônio histórico da população picoense.

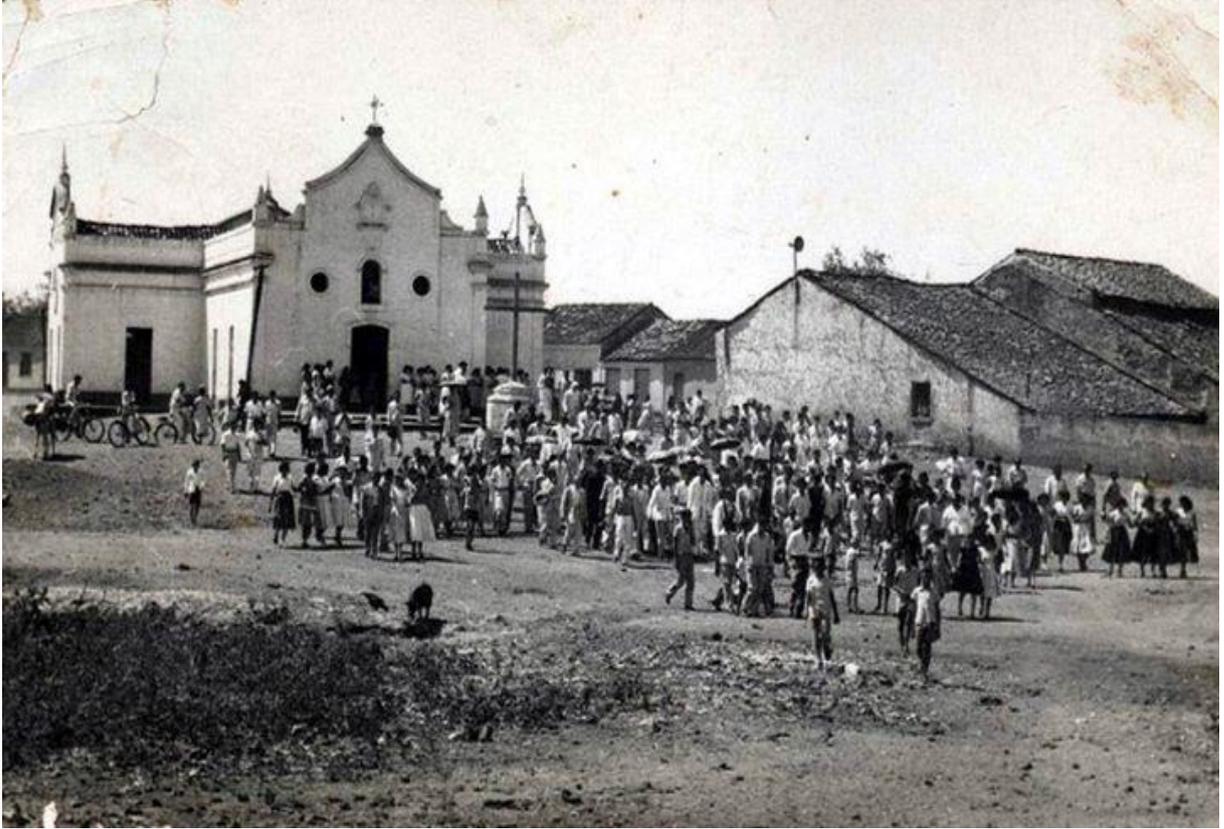


Figura 6: Dia de missa na igrejinha Sagrado Coração de Jesus de Picos, foto do século XVIII.
Fonte: Acervo de Cristino Varão.

O repovoamento de Picos alcançou um desenvolvimento rápido e foi elevado à freguesia (pequena povoação, distrito de uma paróquia) por meio da resolução civil nº 308, de 11 de setembro de 1851, com o crescimento progressivo da freguesia Picos foi elevado à categoria de vila por meio da resolução provincial nº 397, de 20 de dezembro de 1855, porém a instalação oficial se deu em 3 de julho de 1859, já nesse mesmo ano com a Lei provincial nº 468 o Distrito Judiciário de Picos foi desmembrado da Comarca de Oeiras e anexado à Comarca de Jaicós. Por desligamento de Jaicós e desligamento do município de Patrocínio (atual cidade de Pio IX) foi formada a Comarca de Picos, criada por meio do decreto de 28 de dezembro de 1889 instalada pelo juiz Dr. João Leopoldino Ferreira e pelo promotor público Coronel Josino José Ferreira.

Finalmente, pela resolução nº. 33, de 12 de dezembro de 1890, a vila foi elevada à categoria de cidade, o termo foi assinado pelo Chefe de Governo do Estado, João da Cruz e Santos, o Barão de Uruçuí. Com isso, várias famílias estabeleceram-se na colonização da região: Borges Marinho, Gomes Caminha e Fontes Ibiapina, Barros e Sousa Martins (DUARTE, 1995).

1.3 A formação do bairro Ipueiras

No decorrer do processo de formação da cidade de Picos começaram a produzir novas aglomerações de pessoas pela cidade, essas aglomerações foram aos poucos constituindo os bairros atuais da cidade. E ao longo do tempo os bairros foram ganhando características próprias, o bairro Ipueiras desde seu povoamento teve suas particularidades diferenciando de outros bairros da cidade. Sobre a importância que o bairro tem para uma cidade Teixeira afirma que:

Uma cidade é um conjunto de bairros, cada um com fisionomia própria, resultante da sua função, de seus habitantes e de sua idade. Todos esses bairros, mais ou menos integrados entre si, formam a cidade. Um bairro urbano tem uma feição que só a ele pertence, uma vida particular, uma alma. (TEIXEIRA, 1986, p.67).

Podemos perceber, por meio dos estudos de Teixeira, que a partir da integração dos bairros é que surge uma cidade, cada bairro terá suas particularidades, que os diferenciam uns dos outros e que fazem surgir várias práticas dentro de um mesmo espaço, desde a formação do bairro começaram a surgir práticas peculiares dos moradores desse bairro que ao longo do tempo foi se consolidando.

O surgimento dos primeiros bairros de Picos se deu nas margens do rio Guaribas, já que ali as pessoas tinham uma maior facilidade para obter água para a realização de serviços domésticos. A água do rio também servia para irrigar as plantações e também para matar a sede do gado. O bairro Ipueiras teve sua formação próxima às margens do Rio Guaribas. As principais atividades desenvolvidas no bairro, no período da sua formação, foram a agricultura e a pecuária, já que possuía uma várzea fértil e lhe permitia um satisfatório desenvolvimento da agricultura assim como facilitava no modo da criação do gado.

Segundo Varão (2007) os irmãos Manoel Inácio da Luz e Francisco Inácio da Luz eram baianos e ainda jovens fixaram residência em Picos. Ambos ainda eram solteiros quando chegaram nestas terras. Manoel Inácio se instalou na várzea de Ipueiras e Francisco Inácio se instalou no baixio, que hoje é considerado o bairro Ipueiras. Os irmãos se casaram com duas irmãs da família Araújo Rocha. Segundo Varão:

Estes vieram da Bahia para o Piauí no século XVIII, pelas margens dos rios e riachos, fazendo o trajeto a pé ou em animais, pois não havia estradas e, conseqüentemente, levou um certo tempo para chegarem aos seus destinos devido às imensas dificuldades que encontraram nesse percurso. Os dois vieram ainda solteiros e fixaram residência nas proximidades de Picos. (VARÃO, 2007, p. 31).

Ainda segundo Varão (2007), foi a partir do casamento dos irmãos Luz com as irmãs Araújo Rocha que se formaram as primeiras famílias que se fixaram no bairro Ipueiras. Essas famílias Araújo Rocha e Luz estão presentes neste bairro até os dias atuais. A maioria dos moradores do bairro Ipueiras tem o sobrenome de uma dessas famílias, às vezes até das duas. Essas famílias contribuíram para o crescimento do bairro e tinham como principal atividade econômica a agropecuária. Outras famílias começaram a se sentir atraídas por esse bairro já que tinha formação nas proximidades do rio Guaribas que nesse período possuía águas abundantes e assim a população foi crescendo à medida que se desenvolvia.

Praticamente a economia ipueirense desde que surgiu era apenas para consumo próprio, ou seja, era uma economia de subsistência, que tinha como principal base a criação de gado, que foi a primeira atividade econômica a ser desenvolvida no bairro Ipueiras. Paralelo a pecuária era praticada a agricultura, com características próprias aos fatores naturais do meio ambiente onde o bairro está situado.

O arroz foi o principal produto agrícola produzido no bairro Ipueiras, mas também havia a produção do algodão, milho, feijão, alho, cebola. Existe ainda outra atividade na região, a extração da carnaúba, uma palmeira típica da região Nordeste, principalmente no estado do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte. Através da extração desse produto os moradores do referido bairro obtinham óleo, a cera e palha que eram vendidos aos comerciantes picoenses e os mesmos comerciavam para outros estados e até países.

Percorrendo o bairro Ipueiras atualmente ainda podemos observar empiricamente que a carnaúba ainda se faz presente na vegetação do bairro embora não ocorra mais a extração da mesma. O depoimento de Emília de Araújo Luz¹ informa que:

A Ipueiras dependia do rio Guaribas. O rio Guaribas fornecia a Vazante, que é o plantio de alho, batata, milho, que era na época de junho a novembro. Esse plantio era uma coisa que desenvolvia mais o pessoal, porque o pessoal daqui não tinha emprego, o emprego era trabalhar no carnaubal. Na seca, carnaubal, no inverno era na agricultura. (LUZ, 2014).

Para Maurice Halbwachs (2004.p.85) toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial de identidade, da percepção de si e dos outros. Através do depoimento da moradora Emília de Araújo Luz percebemos a importância que o rio Guaribas tinha para as pessoas desse bairro, que servia como base para a produção de vários alimentos no inverno e para a extração da carnaúba no verão.

¹ Emília de Araújo Luz, professora aposentada, tem 77 anos de idade e é moradora do bairro Ipueiras desde que nasceu.

Podemos notar empiricamente que agricultura de subsistência perdura até os dias atuais nesse bairro, embora haja uma grande redução em relação ao período de sua formação. Alguns moradores ainda cultivam arroz para consumo próprio, ou então cultivam por meio da prática do arrendamento de terra, onde os “ricos” que não tem disposição para plantar fazem uma espécie de contrato “falado” e pessoas de baixa renda plantam nessas terras, e no período da colheita destinam uma parte ao dono da propriedade. O proprietário cede a terra para outra pessoa que queira fazer um plantio com a condição de que uma parte da colheita lhe seja destinada.

Como já foi dito anteriormente, na década de 1960 ocorreram enchentes em Picos. Essas enchentes atingiram o bairro Ipueiras, levando vários de seus moradores a abandonarem suas casas no entorno do rio Guaribas e se dirigem para as regiões mais altas do bairro, os morros. Nesse período vários moradores do bairro Ipueiras migraram para outras cidades e estados.



Figura 7: Casas do bairro Ipueiras sendo alagadas pela enchente de 1960.

Fonte: Museu Ozildo Albano.

A enchente de 1960 causou aos moradores do bairro Ipueiras imensos prejuízos materiais, já que as estruturas físicas não resistiram e desabaram. Eram casas em grande maioria de taipas, cobertas por palhas. Também houve perdas nas lavouras. Não houve perdas humanas. Mas por meio do depoimento do senhor José João de Araújo² podemos

² José João de Araújo tem 78 anos, é um dos moradores mais antigos do bairro Ipueiras. Mora nessa parte da cidade de Picos desde seu nascimento. É uma figura muito conhecida no bairro, conhecido popularmente como *Zé Felipe*. Foi vereador da cidade de Picos durante 16 anos.

perceber que depois das enchentes o bairro Ipueiras alcançou desenvolvimento principalmente na década de 1970:

Veio crescendo depois das enchentes de 1960, derrubou muitas casas, mas o povo reconstruiu de novo, e hoje tá cidade... A mudança foi muito grande, na década 1970 chegou energia melhorou muito, facilitando a vida dos moradores, no preparo da comida, antes era tudo manual, na criação do gado também melhorou agora dava pra triturar a ração, depois que a energia chegou aí desenvolveu mais, antes as ruas eram de piçarra e no período das chuvas os animais ficavam atolados, e nessa década começaram a asfaltar algumas ruas aumentando o desenvolvimento. (ARAÚJO, 2014.)

O desenvolvimento dos anos 1970 está relacionado com a chegada do 3º BEC (Batalhão de Engenharia e Construção) em Picos, no ano de 1971, denominado Batalhão Visconde da Parnaíba. Até os anos 1980 era trabalho exclusivo dos militares a construção de estradas e posteriormente mudou sua filosofia de trabalho, passando a construir barragens, poços artesianos e obras de irrigação. Portanto, o 3º BEC promoveu desenvolvimento para a cidade de Picos.

A partir da década de 1970 inicia-se um processo de desenvolvimento e crescimento no bairro Ipueiras. Houve grandes mudanças na estrutura física e também nas práticas sociais dos moradores. Mas mesmo com essas mudanças ainda permanecem até os dias atuais algumas práticas cotidianas da formação do bairro, como a criação de gado e a tradição da subida ao morro da Santa Cruz.

Antes de 1970, o bairro Ipueiras à noite era caracterizado por um cenário calmo, onde apenas a luz do luar clareava sua paisagem. À noite era frequente os mais velhos se reunirem nas calçadas para conversar, e as crianças se reuniam para brincar, principalmente de roda, pois nesse período a energia elétrica ainda não estava presente no bairro.

Por volta de 1973 é que foi instalada a rede de energia elétrica no bairro Ipueiras. A chegada da energia teve como fator determinante a instalação da Barragem de Boa Esperança na cidade de Guadalupe do Piauí, essa barragem passou a fornecer energia para todo o Piauí e com isso o cenário do bairro aos poucos foi se modificando, refletindo em mudanças no cotidiano dos moradores. Começaram a aparecer os primeiros televisores no bairro e com isso as conversas nas calçadas começaram a ser menos intensas. Nem todos os moradores tinham renda suficiente para comprar uma televisão. Como em qualquer sociedade, percebemos nesse bairro diferenças econômicas e sociais. Porém, as famílias de baixa renda às vezes se reuniam na casa de vizinhos com mais condições financeiras para assistirem televisão, pois havia muita harmonia entre os moradores desse bairro, além do que a maioria desses moradores pertencia a uma só família.

Não existiam grandes espaços comerciais no bairro Ipueiras até a década de 1970. Porém, este bairro possuía comerciantes de destaque no cenário do comércio picoense. Os comerciantes desse bairro desenvolviam suas atividades comerciais no centro da cidade de Picos, nas conhecidas *feiras do troca*, onde realizavam diversos tipos de negócios, onde vendiam ou compravam produtos.

Por meio da história, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: guerras, transformações sócias como as mudanças de atitude da juventude, mudanças tecnológicas com o fim da energia a vapor, ou a migração pessoal para uma nova comunidade. (THOMPSON, 1992, p.21)

Através da história podemos compreender grandes mudanças que ocorreram nas práticas cotidianas das pessoas deste bairro, as mudanças relacionadas a atitude dos mais novos, as mudanças na estrutura física e o seu status que passou a ser nobre devido à grande procura por moradia nesse espaço e também pelos altos valores dos terrenos e das casas. O bairro cresceu bastante, sua área que antes era ocupada por roças grandes, hoje dá lugar para a construção de casas e as ruas que antes eram de piçarras, já tem em sua maioria asfaltos, essas mudanças serão melhores abordadas no próximo capítulo.

Capítulo II

Práticas cotidianas no bairro Ipueiras

2.1 A criação de gado e agricultura de subsistência no bairro Ipueiras.

A criação de gado se faz presente no Piauí desde o século XVII, tendo nesse período a instalação dos primeiros currais e, posteriormente, grandes fazendas. A pecuária foi e é ainda um dos pilares da economia do estado do Piauí, que na época do Brasil Império, teve o maior rebanho do país.

Picos Piauí desde o começo de sua formação teve como uma das principais bases econômicas a criação de gado. Mesmo após muitos anos e a cidade ter passado por modificações no seu espaço físico com o processo de urbanização, a pecuária ainda permanece. Observamos essas permanências, por meio da História Oral, no bairro Ipueiras.

O bairro Ipueiras do século XVIII possuía uma posição geográfica privilegiada, pois é cortado pelo rio Guaribas, nesse período, o rio possuía água em abundância e era conhecido por possuir terras férteis em suas proximidades, fatores que viabilizavam a criação de gado assim como a agricultura de subsistência, o rio, até a década de 80 possuía águas abundantes utilizadas para matar a sede do gado, no plantio de pastagens para gerar o alimento do gado e para irrigar a agricultura de subsistência praticada pelos moradores.

A criação de gado e a agricultura foi uma atividade fundamental na região do Piauí e em especial na Ipueiras, até o século XIX. Essa criação de gado e a agricultura hoje em dia perdeu força economicamente, pois o Rio Guaribas que viabilizava a produção de alimentos e a pesca artesanal para toda a população picoense e também para alimentar o gado, sofria com as variações climáticas típicas da região Nordeste.

O clima semiárido garantia a ocorrência de poucas chuvas e estas ainda irregulares. A irregularidade das chuvas é um obstáculo para as atividades agropecuárias pois o rio passava de determinados períodos de tempo com pouca quantidade de água ou até mesmo nenhuma no período de estiagem. Os ciclos de fortes estiagens e secas costumam atingir a região em intervalos que vão de poucos anos a até mesmo décadas. Eles colaboraram para desarticular as condições de vida dos produtores tornando-se, muitas vezes, o gatilho que faltava para o abandono da atividade agropecuária.

Com o passar dos anos as alterações climáticas se intensificaram e juntamente com ela, surgiu a poluição exacerbada do rio tornando-o cada ano menos produtivo. Atualmente o rio guaribas encontra-se praticamente seco, como pode ser visto na figura que segue:



Figura 8: Leito do rio Guaribas no bairro Ipueiras, ocupado por currais e cercamentos ilegais em 22/09/2014.

Fonte: Acervo pessoal de Rômulo Ivo.

Paralelo a essas desvantagens oriundas do clima e da má conscientização da população, existia o reflexo do governo pós Juscelino Kubitschek que garantiu a Picos sua época de ouro, nesse período Picos cresceu economicamente juntamente com as indústrias e os comércios aumentando tanto produtos como consumidores.

Os habitantes sentiam a necessidade de se adequarem as mudanças e viam as possibilidades ofertadas por esse aumento na economia picoense, eram pessoas que tinham como produto suas próprias terras, num contexto em que produzir já não trazia as vantagens financeiras necessárias, era preciso mudar a estratégia e substituir o que CORRÊA (2000) chamou em seu livro espaço urbano de valor de uso da terra, pelo seu valor de troca. Qual seria, os proprietários fundiários passaram a extrair da sua terra o que lhes trariam maior rentabilidade, interessando-se em utilizar/vender suas terras tanto pro uso comercial como residencial, ou seja, passaram a se interessar na conversão da terra rural em terra urbana, em expandir o espaço urbano, uma vez que essa conversão traria mais retorno financeiro que à atividade rural.

Os habitantes do bairro Ipueiras passaram a se beneficiar do que Corrêa (2000) chama e explica espaço urbano fragmentado e articulado, ou seja, buscaram em outros meios sua sustentabilidade através de outras atividades que não se prendiam ao espaço do bairro Ipueiras, mas sim a outros bairros. Os espaços de uma cidade são constituídos de diferentes usos da terra, são esses “usos” que os diferenciam e caracterizam, porém esses espaços, tais como os bairros, apesar de terem características diferentes, têm também ligações, nesse ponto entra novamente a ideia de Correa, nos esclarecendo que, apesar de um bairro ter suas próprias peculiaridades estes se ligam e mantêm relações espaciais. Foram essas relações que trouxeram aos moradores do bairro o interesse em converter o trabalho antes unicamente

agropecuários por outras atividades como por exemplo o comércio. Esse espaço articulado se manifestava pelo fluxo de veículos, deslocamentos cotidianos, procura às escolas, hospitais, etc.

Nesse momento lembramo-nos da figura do ipueirense Marcelino Evêncio, que se destacou no cenário do comércio, sendo um dos fundadores da Feira do Troca, local onde havia troca, compra e venda de vários produtos, sendo um bom exemplo da fragmentação e articulação características do espaço urbano, uma vez que o morador da Ipueiras se deslocava até o centro da cidade para realizar suas vendas.

Em 1960 os patriarcas começaram a inserir seus filhos na educação escolar, Em um período realizavam as tarefas da agricultura e no outro iam para as escolas, o que também foi fator determinante na mudança da atividade de subsistência. Os filhos passaram a ter contato com outras profissões através dos estudos o que também beneficiou o desapego à agricultura familiar.

Embora com essas outras fontes de trabalho que foram surgindo, e com o processo de transformação espacial que o bairro foi passando, ainda permanecem no bairro as práticas da criação de gado e da agricultura de subsistência, porém hoje são atividades exercidas por pequena parte dos moradores.

O gado hoje não tem mais quase, aqui foi o lugar de criar gado mesmo, quando começou essa região aqui era criatório, essa terra era muito boa de forragem, forragem forte que o gado engordava, aumentava muito né, dividido o lugar ser muito bom. (ARAÚJO, 2014).

Através do depoimento acima de José João de Araújo podemos notar que esse bairro como ele disse era um criatório. Era uma área extensa dedicada a criação de gado, e que hoje em relação ao passado a criação de gado quase já não existe.

Os currais estavam presentes no cenário do bairro Ipueiras. No período de chuvas o bairro tinha um cheiro característico de esterco que vinham dos currais bovinos encharcados. Os currais eram preenchidos por um número expressivo de vacas leiteiras que produziam leite e seus derivados como a coalhada, a manteiga da terra, o requeijão e o queijo.

Com a mudança do padrão profissional, o que antes se via comumente (currais, gados, roças de subsistência, muitas vezes ao lado das casas dos seus donos), passou a ser substituído por um cenário de casas e comércios. É relevante destacar as ações dos agentes modeladores do espaço que contribuem diretamente para o povoamento do bairro Ipueiras, por ser um bairro calmo, formado no âmbito de duas famílias os próprios moradores começaram a propagar a ideia de um bairro nobre e essa imagem passou a ser reproduzida na cidade. De fato essa ideia de bairro “nobre” influenciou pessoas, surgiram os promotores imobiliários que vendiam, loteavam e construía casas de luxo e condomínios. O bairro é de acordo com o

senso do IBGE de 2010 o 5º bairro mais populoso da cidade de Picos contando com 3588 habitantes.

Além das casas, possui um grande número de empreendimentos não vistos na época em que a agropecuária predominava como principal e única atividade produtiva do bairro.

Em dias atuais o bairro conta com a presença de dois postos de saúde, a nona regional, Comercial Coutinho, 2 postos de gasolinas em funcionamento e um sendo construído, restaurante Cumbuca da Bairro, Madeireira Ipueiras, Duas farmácias, o mercadinho Lisboense, mercadinho da Dona Olívia, mercadinho do Silvan, mercadinho do Zé Copil, salão de cabeleira da Inácia, Salão de cabeleleira da Fatinha, Salão cabeleleira da Emanuela, academia Adrenalina Fitness, Academia FisioForm, academia Dayane Borges, Marmoraria Moura, Restaurante Cumbuca de Barro, Oficina do Odovaldo, Mecânica Alencar, Fisiomed, sorveteria Fribom, centro de treinamento da Honda, Hortifruta Ipueiras.



Figura 9: O gado se alimentando no bairro Ipueiras, em data 22/09/2014

Fonte: Acervo pessoal de Rômulo Ivo.

Na figura 9 podemos observar a permanência na atualidade da criação de gado na Ipueiras. Um raro ritual diário que ocorre em algumas ruas desta parte da cidade. Podemos notar as relações entre o urbano e o rural, por meio da rua asfaltada, do curral ao lado da casa,

da família dona dos animais conversando sentada na calçada e ao mesmo tempo vigiando o gado.

Mesmo minoritário, algumas famílias ainda se mantêm à base da agropecuária como nos relatou em depoimento Cleosvaldo de Araújo Luz³:

Eu ainda sigo nesse ramo, nesse ramo de criação por causa dos avôs, do meu pai e eu sempre gostei da criação de gado, naquele tempo a facilidade era melhor, o inverno era bom, hoje tá ficando mais difícil por causa dos invernos fracos, da seca né, a gente vai batalhando pra conseguir o que a gente gosta. Quem gosta mermo [sic!] num tem vai criando. (LUZ, 2014).

Algumas pessoas que ainda criam gado no bairro Ipueiras permanecem nessa atividade por ter uma forte identificação com essa cultura, que foi transferida em sua grande maioria de forma hereditária, de pais para filhos, atravessando várias gerações.

Essa fonte de renda se dá por meio da produção e venda do leite, quando as vacas geram um bezerro e este cresce e podem ser vendidos, existe também o abate do gado e a venda de sua carne.

Essa presença atual do trabalho agropecuário de subsistência contradiz a fama de “nobre” tida pelo bairro, uma vez que nobre de acordo com o dicionário Aurélio é tudo aquilo que possui título de nobreza, que faz parte da nobreza, merecedor de respeito pelas boas qualidades e méritos, que é majestoso, mas apesar de contradizer não o desconsidera.

De acordo com CORRÊA:

O espaço urbano capitalista... é um produto social resultado das ações acumuladas através do tempo e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem. (CORRÊA, 2000, p.11)

Outro contraste importante é que o diz respeito à característica geográfica do bairro já citada em outro momento, o bairro Ipueiras é um bairro alagadiço, ou seja, é uma área que alaga facilmente. O mesmo foi verificado no bairro Jockey de Teresina exposto por Cristina Cunha de Araújo em sua tese dissertativa, apesar de ser um bairro alagadiço foi remodelado para constituir bairro nobre da cidade. Semelhante ao ocorrido no bairro Ipueiras, o bairro Jockey foi escolhido por muitos moradores por ser considerado ideal para moradia, pois possuía clima ameno, proximidade do centro da cidade, fácil acesso e tranquilidade, além de também ter sido a ele atribuído título de bairro nobre.

³ Cleosvaldo de Araújo Luz tem 43 anos e mora no bairro Ipueiras desde que nasceu, sua fonte de renda ainda é a criação de gado.

Com a urbanização, a manutenção da cultura de criação do gado no bairro perdeu espaço, mas não desapareceu completamente, a urbanização apesar de forte ainda divide espaço com a vida rural e os últimos vaqueiros ainda fazem bom uso da modernização que acontece na cidade, como podemos observar pelo relato do cidadão Cleosvaldo de Araújo Luz:

[...] facilitou muito, de primeiro era tudo a pé, a cavalo com moto energia pra puxar água tudo, que de primeiro precisava da água do rio, faltava e hoje não, com a energia, com a bomba, a cocheira só ligou a facilidade ta muita, facilitou muito o homem do campo a energia, a moto, o transporte né. (LUZ, 2014).

A urbanização trouxe aspectos positivos até mesmo para prática de atividades relacionadas a criação de gado, como uso dos automóveis para facilitar e agilizar as atividades ligadas a agropecuária. A urbanização ocasionou também a chegada de energia no bairro, facilitando inclusive a obtenção de água através dos poços sustentados pela energia elétrica.



Figura 10: Roças no bairro Ipueiras servindo como pasto para o gado, data 22/09/2014

Fonte: Acervo pessoal de Rômulo Ivo

Na imagem acima podemos observar as transformações do bairro, isto é, a criação de gado e a agricultura de subsistência vêm sendo substituídas pela construção de casas. Podemos perceber também essa mudança no depoimento de Cleosvaldo de Araújo Luz (2014) “[...] mudou muito né, tinha muita roça, hoje tá só em construção tá aumentando muito as construção, antes tinha era muita roça de milho, arroz, feijão, de tudo e hoje só vê construção”.

Em suma no século XVII a atividade agropecuária era a principal atividade econômica dos moradores do bairro Ipueiras, era uma atividade praticada no âmbito familiar, e que ao

longo dos séculos foi perdendo sua força principalmente com a urbanização ocorrida, e pela escassez das águas abundantes do Guaribas. Chegamos ao século XXI com uma pequena minoria que ainda sobrevive exclusivamente da agropecuária no bairro Ipueiras, essa minoria é composta principalmente por pessoas de idade mais avançada pois sem a forte presença do rio Guaribas e a pouca rentabilidade que o serviço traz os jovens não se interessam pela atividade, apontando para um futuro desaparecimento da prática agropecuária neste bairro.

Como relata em sua obra *Na Floresta dos Símbolos* Marshall Berman sobre bairro Bronx o modernismo confere riquezas e vibração à vida pública, porém torna o bairro crescentemente perigoso a medida que o tempo passa, Marshall critica a troca da antiga paisagem admirada pelos seus olhos infantis por construções de muros cada vez mais altos e centenas de edificações cercadas de tábuas e vazias e construções carbonizadas e queimadas, quarteirões e quarteirões com nada mais que tijolos e sucatas espalhadas. Para o autor o tédio visual causado por essa nova paisagem torna a urbanização/modernização um suplício para qualquer pessoa.

Refletindo o discurso de Marshall, a urbanização do bairro Ipueiras trouxe consigo a chegada da energia, a chegada da água encanada, trouxe pavimentação asfáltica para muitas ruas do bairro, valorização imobiliária, elevou o status do bairro, trouxe melhorias direta na vivência das pessoas do bairro Ipueiras, trouxe riquezas. Porém essa urbanização trouxe aspecto negativo pois ela causa um afastamento das pessoas, por exemplo o bairro de Ipueiras surgiu com duas famílias desde a sua formação os moradores desse bairro possuíam uma forte ligação, estes conheciam todos os seus vizinhos e agora com essa procura por moradia no bairro vai se perdendo os laços afetivos, os vizinhos cada vez mais se afastam, os lares a cada dia se tornam espaços muitos mais pessoais e privados.

2.2 A subida ao morro da Santa Cruz ou morro do Quebra Pesçoço

O povo do bairro Ipueiras carrega consigo características típicas dos nordestinos, como a fé e a devoção a santos. Essa religiosidade se expressava por meio do terço em família que ocorria nas residências do bairro, geralmente às 18 horas. Até a década de 1960 não existiam templos religiosos no bairro para assistir as missas, as pessoas tinham que se dirigir até a igreja matriz no centro da cidade, esse deslocamento era feito a pé ou a cavalo.

Com o crescimento do bairro e o aumento no número de fiéis foi construído o primeiro templo religioso do bairro no ano de 1971, uma igreja católica que tem como padroeira Nossa senhora do Perpétuo Socorro, construída a partir do empenho de moradores e contou com o apoio do Padre Alfredo. A festa da padroeira é celebrada no mês de setembro e conta com a presença de grande parte da população.

Essa igreja foi demolida em maio de 2009, pois já não comportava o grande número de fiéis presentes no bairro. No mesmo local foi construída uma nova igreja, maior que a anterior.

A maior parte das pessoas que moram no bairro são seguidores da religião católica, mas também é possível ver templos de outras religiões como das Igrejas Evangélicas e terreiros de umbanda.

A tradição católica é conservada de forma oral ou escrita, são os conhecimentos acerca de Deus e do mundo, que tratam de preceitos culturais e éticos. É uma transmissão de práticas e valores espirituais, é um conjunto de crença conservado e seguidas com respeito ao longo de muito tempo por determinados grupos.

A tradição católica é repassada através da doutrina oficial da Igreja Católica, que seriam as verdades reveladas por Deus através do tempo, que podemos encontrar no Antigo Testamento, atingindo sua plenitude com Jesus Cristo. Mas a compreensão dessa doutrina é feita de forma gradual, necessitando de um constante estudo e avanços no estudo da teologia. Com o estudo da teologia a igreja institui seus dogmas aos fiéis, instituí as práticas religiosas como explica a seguir o padre José Walmir de Lima⁴:

A prática, as práticas católicas né, estão dento da doutrina, que vem desde as peregrinações, das romarias, das penitências, e da como também a Semana Santa que a gente realiza, os jejuns, as penitências né, e como os todos, como a religião católica ela conserva muito, vive dessas práticas religiosas que é o que cultiva a permanência da fé. (LIMA, 2014).

Podemos observar por meio do depoimento acima que as práticas católicas são importantes para a continuidade da fé, pois as tradições se perpetuam no tempo e são passadas de geração a geração, e são mantidas como tesouros para a conservação da religião católica.

A peregrinação é percorrer um caminho na busca por algo espiritual, é a jornada de um devoto até um local considerado sagrado para uma religião. As penitências significam um sacrificio pessoal feito pelo fiel, na busca de pagar por pecados cometidos ou agradecer por graças alcançadas. Dentro das penitências se enquadram o jejum, que é um dos mandamentos da igreja jejuar e abster-se de carne quando a igreja manda. O jejum não se limita apenas abster-se de carne, podem ser de outros alimentos ou até mesmo de água por determinados tempos estabelecidos. As vigílias são reuniões de grupos de oração, de leitura bíblica que perduram por várias horas durante a noite.

Existem também outras práticas tais como as romarias, as vias sacras, as caminhadas, as subidas aos morros, e é exatamente o ritual da subida de um morro que chama a atenção no bairro Ipueiras. A subida ao morro da Santa Cruz é uma tradição católica com um grande valor histórico e cultural para as pessoas desse bairro.

⁴ José Walmir de Lima tem 43 anos, ex padre da paróquia de São José Operário e Nossa senhora do Perpétuo Socorro foi eleito vice prefeito da cidade de Picos, é atualmente secretário de educação do município.

No dia 03 de maio é comemorada tradicionalmente a subida do morro da Santa Cruz. Essa subida é feita pela comunidade do bairro Ipueiras e das comunidades próximas. É uma tradição muito antiga e que se mantém conservada a cada ano, que está enraizada e ligada diretamente a história do povo desse bairro, é parte do folclore e cultura picoense.

A comemoração da invenção da Santa Cruz é uma festa do calendário católico que acontece em outras áreas do Brasil. A comemoração no bairro de Ipueiras possui diferenças de outros lugares onde ocorre essa comemoração católica, com por exemplo a comemoração que ocorre em Santa Cruz dos Milagres (PI), onde é feita os rituais de adoração e o ato de os fiéis beijarem o chão, são três comemorações no ano, a invenção da Santa Cruz, a exaltação da Santa Cruz, e o encontro do Santos, onde existe um fluxo muito grande de fieis que se deslocam de vários estados para participar destas comemorações. Enquanto que no bairro Ipueiras comemora apenas a Invenção da Santa Cruz, a Exaltação da Santa Cruz, existe ainda uma lenda sobre o morro da Santa Cruz em Ipueiras, há também o hábito de foguetórios, os fiéis que participam são do próprio bairro ou de bairros próximos.

Apesar das diferenças na forma de celebração, também pode ser notado características comuns, como a participação popular, o caráter festivo e o significado que os símbolos cristãos possuem, em especial o símbolo cristão da Cruz, além de as duas comemorações acontecerem com subidas ao morro.

Este morro quando visualizado no período de chuvas mostra uma vegetação verde, já no período de secas a vegetação perde as folhas, ficando apenas os galhos, os chamados garranchos. Visto da BR 316 podemos notar que o morro possui a forma de um cone, tem característica peculiar e apresenta desgastes causados pela ação do tempo, vento, chuva, sol e etc. A parte mais alta do morro possui formas e altitudes suaves e rebaixadas como pode ser percebido através da foto.



Figura 11: Vista do Morro da Santa Cruz no Bairro Ipueiras.

Fonte: Acervo pessoal de Rômulo Ivo

De acordo com José João de Araújo na parte mais alta do morro da Santa Cruz foi fincada uma cruz de madeira feita da árvore de aroeira. A aroeira é uma árvore típica da caatinga do sertão do nordeste brasileiro sua madeira é de um cerne durável, de alta resistência ao apodrecimento e também resistente ao ataque de cupins, por isso resiste bem aos agentes naturais e às transformações do tempo. Ainda de acordo com o cidadão, essa cruz foi fincada no século XIX com a participação de missionários religiosos e de moradores dessa localidade.

Os moradores do bairro naquela época tiveram a atenção de fincar essa cruz após um fato trágico que ocorreu naquele local.

O morro também é chamado de morro do Quebra Pescoço devido à lenda que existe sobre ele, os mais velhos contam que no bairro Ipueiras existia o costume da comemoração da ressurreição de Cristo. Alguns moradores com poder econômico maior doavam um boi para esta comemoração. Em um determinado ano, em uma dessas doações um vaqueiro (elemento indenitário da cultura nordestina) a mando de um fazendeiro foi atrás desse boi na serra, o vaqueiro saiu em seu cavalo, também com seu cachorro que o seguia, e na perseguição no momento em que todos já se encontravam em cima do morro da Santa Cruz em veloz disparada, num momento de descuido todos caíram inesperadamente num abismo que existe no morro, e conseqüentemente o vaqueiro, o cavalo, o boi e o cachorro tiveram morte imediata, quebrando-lhes o pescoço. A partir desse momento deu início as romarias no morro

da Santa Cruz. A cruz também representa um símbolo de fé de todos os cristãos. Assim, compartilhamos das ideias de Rosendahl (2002) quando explica que:

A cruz de madeira se revela para o cristão como sagrada e aponta para uma realidade sobrenatural, para algo que não está ali. Aparentemente ela continuará de madeira, apesar de representar outra coisa que simbolicamente contém. Há uma aptidão do homem em reconhecer o sagrado, como que uma disponibilidade ao divino. O homem religioso busca um poder transcendente que o sagrado contém. (ROSENDAHL, 2002, p. 27).

A cruz não serviu apenas para demarcar o local de um acontecimento, mas também a cruz foi adotada para demarcar o local católico. A religião é construída através de símbolos que irão nortear à vida humana. Cada pessoa com sua fé deposita nesses objetos e lugares esperanças e incertezas. Esses locais e objetos são transformados em locais sagrados pela crença coletiva. Os locais mais altos geram a sensação de estar mais perto do céu e, portanto, mais próximo de Deus.

O morro tem um cenário simples, bastante agradável. Além de possuir uma bela vista da cidade de Picos e de muitos de seus bairros. A visão se torna ainda mais bela nos períodos chuvosos em que as plantas ficam verdes e floridas, no final da tarde sopra um vento gostoso agradável, que traz o aroma da vegetação do nosso sertão nordestino. Quando anoitece de cima do morro é possível ver o iluminado Centro de Picos, assim como as luzes dos bairros Junco, Umarí e Aerolândia



Figura 12: Vista panorâmica da cidade de Picos a partir do morro Santa Cruz, 2009

Fonte: Acervo de Maria Helena.

Na imagem acima, na parte de baixo da foto podemos observar a Rodovia PI 238 que liga o município de Picos a Bocaina, bem como os bairros Ipueiras e Aerolândia com suas torres de telefonia e televisão. Também é possível ver o Centro de Picos com as torres da Igreja Matriz.

No morro da cruz estão presentes várias rochas e é possível ver nessas rochas marcas de pés. Os devotos mais antigos desta cruz, quando subiam o morro tinham o hábito de pegar uma pedra pontiaguda, contornar seus pés nas rochas maiores fixando a figura de seus pés, uma forma de mostrar que ali estiveram depositando sua fé. Próximo ao local onde está fincada a cruz tem um conjunto de rochas, (um rochedo plano) de onde se confere a melhor vista do morro, em algumas rochas os mais velhos fizeram desenhos do cachorro, do cavalo, e do boi, em alusão as figuras do acidente trágico ocorrido no morro da Santa Cruz.

As romarias e as visitas ao morro da Santa Cruz têm início logo cedinho no dia 3 de maio. Assim que o sol começa nascer no horizonte, a partir da chegada dos primeiros visitantes, começa a queima de fogos, como se fosse um ritual para chamar os fiéis e todos sobem por uma trilha estreita que dá acesso ao ponto mais alto do morro. Muitas pessoas rezam, ascendem velas, pagam promessas ao pé da cruz de madeira que fica no ponto mais alto do morro, é um fluxo intenso de pessoas, que vai desde o amanhecer até o anoitecer, quando o morro vai se esvaziando e ficando deserto até o ano seguinte. É uma comemoração simples, mas que possui grande valor para as pessoas que moram nesse bairro, pois possui um grande valor histórico cultural, representa uma tradição que é conservada e respeitada por todos no bairro, que já está sendo repetida a mais de duzentos anos.

O padre José Walmir de Lima chegou ao bairro Ipueiras no ano de 2008 para assumir a paróquia de São José Operário. Lá se deparou com essa tradição secular, com as pessoas subindo ao morro da Santa Cruz nesse ato de fé todo dia 3 de maio. Ele ficou impressionado com a dimensão dessa tradição e, para atrair um maior número de pessoas a cultuarem àquele símbolo católico resolveu que seria realizada, a partir de 2009, a celebração eucarística (missa) à Santa Cruz, um dos ritos mais importantes da Igreja Católica.

[...] 03 de maio e eu achei por bem naquele dia não só subir ao morro, mas aumentar mais aquela fé, não só com a penitência e subir a oração, mas com aquilo que é mais importante para nossa igreja que é a celebração eucarística, ou seja, como pároco daquela ocasião eu senti obrigado a reconhecer aquele gesto. (LIMA, 2014).

Segundo Alessandro Portello (2006), as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Através da entrevista do P.E. José Walmir de Lima podemos conhecer crenças, anseios, devoções, dos moradores do bairro Ipueiras.



Figura 13: O padre Walmir após celebrar uma missa no morro da Santa Cruz, em 03/05/2009
Fonte: Acervo de Maria Helena.

O padre José Walmir de Lima vendo uma tradição religiosa bastante conservada e significativa para os moradores desse bairro se sentiu na obrigação de dar um reconhecimento eclesiástico maior a essa tradição secular. Esse reconhecimento se deu a partir da missa que é comemorada no dia 03 de maio e no dia 14 de setembro que é o dia da exaltação da Santa Cruz.

A celebração eucarística é feita às 6 horas da manhã. Há uma maior presença de fiéis no dia 03 de maio com a realização da missa a tradição de subida do morro passou a ser mais reconhecida.

A subida do morro é feita por pessoas de diferentes idades, pois no morro não há escadas, apenas uma trilha, composta de pedras e barro, o que dificulta a subida de muitas pessoas, principalmente dos idosos e das crianças. No período chuvoso o acesso ao local é ainda mais dificultoso, pois o lugar fica bastante escorregadio. Diante dessa situação a comunidade do bairro Ipueiras começou a se empenhar para melhorar as condições de subida do morro como podemos perceber através do depoimento de Antônio Francisco do Nascimento⁵.

[...] eu concluí a vontade de fazer a subida, que a subida era muito difícil. É dificuldade o pessoal idoso era caindo, deslizando e me incentivei a fazer aquele trabalho né. Inclusive eu falei pra comunidade, a comunidade

⁵ Antônio Francisco do Nascimento tem (anos) é morador do bairro Umari, trabalha em uma oficina no bairro Ipueiras.

abraçou e achou difícil também a obra, mas aí eu falei que a obra nera minha era de Deus. (NASCIMENTO, 2014).

Antônio Francisco do Nascimento, popularmente conhecido no bairro Ipueiras como “Zé neguinho”, é um nome quase unânime quando se refere às melhorias da subida ao morro da Cruz. Um homem humilde e movido pelo sentimento da fé.

Ele é morador do bairro Umarí, que é um bairro vizinho do bairro Ipueiras. Ele foi a uma missa 2012 no alto do morro da Santa Cruz – celebrada pelo padre Walmir Lima – e começou pedir a ajuda dos moradores para revestir a cruz, que devido estar a mais de duzentos anos naquele local já encontrava-se desgastada. Antônio Francisco, movido pela fé católica e pelas palavras do padre desceu aquele morro com a certeza que iria se esforçar para revestir aquela cruz.

[...] fui pedindo ao pessoal e conversando com o pessoal pra gente fazer a cobertura da cruiz que é qui se deu o resultado foi muito bom, positivo a obra de Deus a obra que é de Deus, Deus guia as pessoas através do outro né, e aí conseguimos fazer a cruiz, comecei pedir ajuda aqui na oficina de Odovaldê e aí foi uma benção cum quinze dia nós conseguimos crubir a cruiz. (NASCIMENTO, 2014).

Através da fala de Antônio Francisco Nascimento podemos perceber que é um cidadão de muita fé. Ele se empenhou a buscar a ajuda de outros moradores a realizar a obra que revestiria a cruz que fica no ápice do morro da Santa Cruz. Porém, quando terminou essa obra seu coração foi tocado novamente e ele vendo as dificuldades que algumas pessoas levavam para subir aquele morro decidiu que se empenharia também em buscar a ajuda da comunidade para construir escadarias para as pessoas terem um acesso mais fácil ao morro.

Ele estava ciente que era uma missão difícil e que precisaria de muito esforço, mas em nenhum momento pensou que não conseguiria, pois como ele mesmo faz questão de dizer essa não era uma obra dele, mas sim de Deus por isso ele tinha certeza que ia conseguir. A princípio ele buscou a ajuda da comunidade. Algumas pessoas começaram a doar material para a construção como “linha” (espécie de madeira), tijolos, etc, e juntamente com o pessoal que trabalha na mesma oficina que eles começaram a construir as escadarias aos domingos, pois na semana os mesmos estavam no trabalho e só poderiam construir as escadas no domingo.

[...] até que um dia chegou um rapaiz nós já tava na metade da subida e chegou um cidadão e falou pra mim que o prefeito ia dar uma ajudinha né, nessa época o prefeito era Gil Paraíba dissí que ia dar uma ajuda naquela iscada dissí que ia fazer aquela iscada então eu fiquei surpreso

com aquele negociu de disse que ia fazer uma escada nova praquela pra essa comunidade. (NASCIMENTO, 2014).

Quando os moradores já tinham construído metade da escada, foram surpreendidos em um domingo na obra com a presença de um homem Antônio José de Sousa (Bigode Branco) que prometeu em nome do Gil Marques de Medeiros que iria ajudar com trabalhadores e materiais para construção daquela escada. Aquele homem disse que ia derrubar a parte da escada que já havia sido feita, pois iriam construir uma escada bem melhor.

A princípio, os moradores ficaram bastante alegres e entusiasmados, pois o sonho daquela escada estava perto de se concretizar, alguns dias depois o prefeito Gil Marques de Medeiros (Gil Paraibano) Paraibano mandou alguns trabalhadores e também material para a obra. A construção da escada estava em andamento quando a candidata Tazmania Gomes de Medeiros Oliveira (Belê) apoiada pelo prefeito Gil Paraibano perdeu a eleição no ano de 2012. Na segunda feira após a votação o candidato mandou recolher o material daquela obra, pois não iria mais dar material nem mandar trabalhadores para aquela construção, o que causa uma grande tristeza aos moradores.

[...] O prefeito perdeu eles foram lá pegaram o material né, e eu falei que não deixava levar todo o material, rapaiz deixe ficar um pouco um tijolo, um tijolo lá e um tambô né pra poder a gente continuar o trabalho e eles disseram que iam voltar pra ajeitar, nunca e aí a comunidade vinha me cobrar. (NASCIMENTO, 2014).

O material foi recolhido e os trabalhadores enviados pelo ex prefeito prometeram voltar para terminar o serviço, mas nunca voltaram. A obra ficou paralisada e Antônio Francisco começou receber cobrança da comunidade. Então, ele procurou a comunidade novamente para terminarem aquela obra.

Uma das soluções encontradas foi a realização de rifas e bingos. Um dos moradores da comunidade doou um garrote (um bezerro grande) para ser bingado e arrecadar fundos para a construção da escadaria. Com o esforço da comunidade do bairro Ipueiras e do empenho de Antônio Francisco do Nascimento as escadarias foram concluídas. A cruz foi restaurada, assim como foi inserida em algumas pedras do morro as imagens de santos. O local ficou ainda mais bonito e está mais acessível às pessoas para subirem no morro e fazerem suas orações.

2.3 Reisado no bairro Ipueiras

O Brasil tem no folclore um dos principais exemplos de patrimônio imaterial, e em cada uma de suas regiões são mantidas suas peculiaridades. As regiões Norte e Nordeste do

Brasil são as que se mostram mais sensíveis às culturas populares, e apresentam uma grande diversidade cultural e mantêm principalmente viva as manifestações folclóricas.

O Brasil tem, em seu favor ou exagero algum, o mais variado e complexo repertório de cultura popular. Como sociedade multiétnica, os repertórios são plurais pelas influências, diversos em suas manifestações artísticas e produzem uma identidade singular, típica, sem semelhança com outras identidades." (BARRETO ,2005. p.81)

No município de Picos e em alguns municípios vizinhos existem algumas festas religiosas e populares. No mês de junho aconteciam no bairro Ipueiras as quadrilhas que aconteciam nos colégios do bairro e em outros alguns lugares. As principais danças folclóricas realizadas no bairro eram: o Reisado, a queimada do Judas e as quadrilhas de São João e São Pedro.

O reisado é uma festa popular trazida pelos portugueses para o Brasil ainda no período colonial, manifesta-se com vários nomes (Terno de Reis, Tiração de Reis, Folia de Reis, Reisado – de Congo, de Caretas ou de Couro, de Caboclos, de Bailes -, Boi, Rancho de Reis, Guerreiros, etc.). Em Picos, conhecido apenas como Reisado de Damas. Tratava-se de uma brincadeira de terreiro, uma ópera popular ou até mesmo teatro medieval mas principalmente tratava-se de um teatro nômade. Eram narrativas criadas por seus participantes que as divulgavam ao longo da caminhada em paradas que faziam de forma medieval narrando para os espectadores fatos ocorridos durante o espaço que percorreram até chegarem ali, geralmente essas paradas eram em praças, terreiros e ruas.

Como nos dizia BARROSO (2008) “O que os brincantes vivem, no Reisado, é o mundo que buscam que se encontra com o passado, para se materializar no presente.”

O reisado tem como representação o nascimento do menino Jesus e acontece preferencialmente nas festas natalinas, é formado por um grupo de músicos cantores e dançarinos que percorrem ou não as ruas, de porta em porta anunciando a chegada do Messias, pedindo prendas e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam.

Em Sergipe, como nos relata BARRORO (2008), o reisado acontecia em qualquer época do ano, Em Picos, na Ipueiras a festa geralmente era comemorada no mês de dezembro (natal) e seguia até o dia dos Reis Magos, 06 de maio. A festa era composta por cantorias e também contava com a interpretação dos participantes sobre um enredo sobre o nascimento de Jesus.

O reisado de Damas chegou ao Brasil pela Bahia, vindo de Portugal e chegando em Picos, no bairro Ipueiras, por intermédio do Coronel Felipe de Araújo Rocha, um dos fundadores desse bairro, onde foi desenvolvido e permanece até hoje esse tipo de reisado, sempre as custas da comunidade. (NETO, 2003. p. 183).

Quando perguntamos ao morador do bairro Ipueiras Francisco Agostinho da Luz⁶ como o reisado chegou ao bairro Ipueiras este nos respondeu com uma poesia: “O reisado da Ipueira a sua origem eu nem sei acho que veio da Bahia e ficou em nosso meio não sei se acho bonito só sei eu que não acho feio”.

O que se sabe é que desde o início do século XX o reisado de Damas se tornou uma tradição no bairro e contava com um grande envolvimento dos moradores, sendo perpetuada de forma hereditária, ou seja, de pais para filhos.



Figura 14: Reisado de Damas no bairro Ipueiras, moradores do bairro caracterizado para as cantigas e enredos.
Fonte: NETO, Francisco Teotônio da Luz. *A Genealogia da família Luz*. Pág. 232.

Nessa foto é possível ver os moradores do bairro Ipueiras vestidos a caráter para começar uma apresentação do Reisado das Damas no bairro Ipueiras, da esquerda pra direita temos um careta (Antônio de Josino), Galante (Oliveiro), Dama (Zé pequeno), Lacau (Armínio Luz), Dama (Raimundo Regina) e Galante (José de Armínio). Esses são personagens do reisado no bairro de Ipueiras, notem que ao fundo é possível perceber muitas pessoas que acompanhavam as apresentações, o reisado era um dos divertimentos da população do bairro de Ipueiras.

⁶ Francisco Agostinho da Luz tem anos, popularmente conhecido como Chico Agostinho é uma figura conhecida no bairro, é uma forte liderança política do bairro Ipueiras.

No bairro o Reisado era realizado nas portas casas, os participantes visitavam três casas por noites, até quatro casas no bairro fazendo apresentações o que atraía a presença da maioria dos moradores do bairro, mas as apresentações não ocorriam só no bairro, o reisado do bairro de Ipueiras era muito conhecido e por vezes se apresentava em outros lugares como veremos a seguir:

[...]aqui era uma das animação principal porque tinha pessoas que sabiam muito bem dizer poesia, repente como a gente chama com a burrinha com o boi e era assim ele funcionava toda noite ele ia pra uma casa daquela casa depois que terminava toda brincadeira passava pra outra casa eram três, quatro casas por noite aqui na região mas as vezes eles eram chamados pra ir pra Santa Cruz pra ir pra Teresina e e pra outro lugar eles sempre iam. (LUZ, 2014)



Figura 15: Apresentação do reisado de Damas no bairro Ipueiras.

Fonte: NETO, Francisco Teotônio da Luz. **A Genealogia da família Luz.** Pág. 233.

As apresentações eram marcadas por um enredo, muitas brincadeiras, muitas rimas e como pode ser visto na foto é acompanhada por um sanfoneiro sendo cercada de muita música e dramatização, o sanfoneiro da foto é Osmar Araújo natural do bairro Ipueiras foi vice governador do Piauí no governo de Mão Santa.

O reisado aqui ganhou características próprias, tanto nos trajes e personagens, quanto ao enredo das apresentações como nos mostra Francisco Agostinho da Luz a seguir:

Era um reis que tinha os caretas, senhores repentistas com uma máscara e um bastão e tinha a dama pra na hora dum drama, tinha a primeira segunda dama esse povo se preparava em traje de mulher que usava um capu cheio de espelho, tinha um galante que era uma pessoa que se vestia bem no terno branquinho calça branca com as fitas vermelhas na calça uma coroa, uma coroa assim um capu muito bem organizado e tinha o lacau o que era isso? O lacau era um senhor que usava uma roupa mais ou menos parda tipo policial e botas e uma espada e na hora do drama do reisado ele faziam aquele drama os caretas ficavam sapateando como a gente chama e ele ia com a espada fazendo aquela encenação de bater num e batia noutro, se desviando e tal, mas tudo a tipo de brincadeira e depois tinha a burrinha que chegava e o sanfoneiro tocava a tuada da burrinha que são umas tuadas muito bonitas e eles cantavam os repentistas elogiando o dono da casa e dizendo, antes eles diziam meu amo aí tem uma burrinha e eu quero vender o senhor essa burra aí o dono da casa e essa burra é boa mesmo? É a burrinha é boa e é famosa e tal, eu sei que aí negociavam lá essa burra e os caretas chamavam ela e ele entrava dançando os caretas diziam uma rima aqui quando terminava faziam a volta pra o outro e dizia de junto da sanfona ali né, depois tinha o boi, o boi também era assim, o boi uma pessoa entrava pra debaixo do boi, o boi com as armação bonita com a, era bem coberto com um pano bonito uma barra e a pessoa dançava ali e os caretas ficavam dizendo repente e outros respondendo por exemplo tinha a tuada do piaba rê piaba ra, tinha nasce um outro dia, tinha correu água correu água, correu água no tesouro desceu no cano de prata e subiu no cano de ouro essas poesias né, aí tinha outra que dizia vou fazer essas moças chorar e eu te deixo chorando, eu sei que é mais ou menos isso aí no final da história tinha um drama eles cantavam assim a que viemos no meu par sem par, não sei lá o que é que tem nós somos lutadores já rendemo e lutamos e já terminamos nosso reisado aí se despedia daquela casa. (LUZ, 2014)

O reisado ficou muito tempo sem ser apresentado e ao menos em um momento soubemos da tentativa de reativação dessa festa folclórica quando em 1991 unidos em prol da não ruptura dessa cultura, uma associação constituída de amigos, a UNA(União de Amigos) se reuniu com os demais moradores do bairro de Ipueiras em campanha, para que não deixassem que a tradição do reisado se perdesse no tempo, posteriormente a essa reunião ainda foram realizados alguns Reisados de Damas, porém essa festa já não acontece mais no bairro, sendo datado de 2009 sua última aparição.

Francisco Agostinho da Luz nos conta a vontade de reativar os reisados e as barreiras que dificultam essa reativação:

[...]a pena é que eu até, Merinha minha é muito inclinada assim e ela pediu pai não vamo deixar o reisado morrer não eu disse é difícil que num tem quem saiba ainda falei com Zé armino, Zé armino disse assim o Chico uma semana eu deixo você sabendo tudo tudo tudo que se diz na porta na hora de cantar na porta no drama ele sabe muita coisa, aí vem Antônio João principal careta, bom né ta naquela situação (doente) Toin de Josino já se foi a muito tempo, dedinha ta aí hoje tem as oiça muito se ele for cantar é difícil pra ele né, aí ta assim Marcelino era um vei do reisado

muito bom já se foi também a muito tempo, sanfoneiro hoje ainda se encontrava porque qualquer um sanfoneiro se você disser o ritmo da coisa ele toca né, mais repentista cadê os repentistas? Ta pouco né e pra num deixar o reisado morrer é difícil por isso porque não tem mais aquelas pessoas pra incentivar pra né. (LUZ, 2014)



Figura 16: Reisado de Damas no bairro Ipueiras: Da esquerda pra direita: Zé Pequeno (burrinha) sapateando, Armínio Luz (Lacau).

Fonte: NETO, Francisco Teotônio da Luz. **A Genealogia da família Luz.** Pág. 233.

Nessa foto é possível ver os personagens em cena, a burrinha dançando em sua fantasia característica e o lacau que tem suas vestimentas parecidas a de um soldado do exército, ao fundo percebemos que a plateia estava cheia de pessoas para prestigiar o espetáculo, inclusive a plateia era composta por autoridades políticas como o ex deputado Estadual Tadeu Maia.

Como se notou na entrevista de Francisco Agostinho atualmente a tradição do reisado de Damas no bairro Ipueiras passa por um esquecimento, pois os moradores que participavam do enredo dos reisados hoje já se encontram velhos e muitos destes já faleceram e outros estão debilitados e impossibilitados de realizar essa dança folclórica. Os moradores jovens pouco conhecem sobre os reisados, não mostrando interesse em perpetuar essa tradição feita por nossos antepassados.

Considerações finais

Nesse trabalho o meu objeto de estudo foi o bairro Ipueiras, um tradicional bairro da cidade de Picos Piauí, analisamos primeiramente o processo de repovoamento da cidade de Picos, e paralelamente o povoamento do bairro Ipueiras, essa análise nos permitiu saber a origem dos nossos antepassados, esse repovoamento aconteceu relacionado diretamente com a cultura da agropecuária.

Através dos relatos orais dos moradores que vivem no bairro, juntamente com a bibliografia analisada vimos desde o período de repovoamento do bairro Ipueiras e pudemos ver a importância que o rio Guaribas teve na vida dos primeiros moradores do bairro, pois as principais atividades econômicas eram alimentadas pelas águas do Guaribas, a prosperidade que o bairro atingiu, nos anos de 60 foi perfurado no bairro os primeiros poços, já na década de 70 pudemos observar de perto melhorias na infraestrutura do bairro, como a chegada da rede elétrica que facilitou a vida dos moradores em vários aspectos, já a dos anos 90 até 2009 pudemos analisar a substituição das roças por construções, observamos que algumas tradições começaram a se perder no tempo, enquanto que outras tradições ainda sobrevivem até os dias atuais.

No capítulo dois, “Práticas cotidianas dos moradores do bairro Ipueiras” que é o principal objetivo desse trabalho foi exposto as práticas cotidianas dos primeiros moradores do bairro e como elas vem desaparecendo e permanecendo através da tradição passada de geração pra geração, a perda de força em algumas dessas práticas e até o esquecimento de algumas dessas práticas. Foi exposta a agricultura de subsistência e a criação atividades características do bairro, e que hoje já se encontra em número bastante reduzido no bairro, diante do crescimento do bairro e a perda de espaços para essas atividades, foi exposta também uma tradição secular que é a subida do morro da Cruz ou morro do Quebra Pescoço que é uma tradição religiosa que já é feita a mais de 200 anos pelos moradores do bairro.

Para a construção desse trabalho, em torno das práticas cotidianas que aqui permanecem e outras que ao longo do tempo estão presente apenas na memória de alguns moradores, a cultura, as características passadas e atuais do bairro, foi necessário trabalhar com a memória dos antigos moradores, e de pessoas que de alguma forma estiveram ligados ao bairro, a partir das experiências passadas desses moradores, nos revelou o bairro Ipueiras rico em histórias, cultura e tradição.

O bairro Ipueiras é um dos bairros mais conhecidos da cidade de Picos, segundo dados do senso de 2010 do IBGE(Instituto Brasileiro de Geografia) o bairro Ipueiras é o 5º bairro mais

populoso da cidade ficando atrás apenas de outras localidades como Picos(demais setores) com 15.107 habitantes, bairro Centro com 5.581 habitantes, bairro São José com 4.392 habitantes, bairro Junco com 3.804 habitantes, o bairro Ipueiras possui 3.588 habitantes, é um dos maiores bairros da cidade de Picos além de ser um dos mais antigos.

Segundo o senso do IBGE, no bairro Ipueiras existe mais jovens que idosos sendo a população composta de 22.5% de jovens e 7.1% de idosos. Esse estudo se revelou importante, pois é necessário preservar as práticas cotidianas do bairro, sua cultura e tradição.

Através desse estudo foi possível apresentar aos jovens as características dos nossos antepassados preservando nossa cultura, e assim perpetuando na história a memória de nossa cultura.

Através do estudo do cotidiano e das práticas desses cidadãos é possível perceber de forma mais clara como as cidades se formam, e como se formam os novos espaços inseridos nas cidades, os bairros, através do estudo do bairro Ipueiras percebemos traços culturais comuns a cultura Piauiense, e a cultura da própria cidade.

O estudo de espaços como os bairros, está ganhando cada vez mais espaço dentro do campo historiográfico tendo vista a gama de informações podem ser reveladas através do estudo do cotidiano das pessoas que convivem nestes locais. Deste modo, estudos como este são importantes para que possamos perceber traços de nossa cultura e o processo de construção da cidade.

O estudo desse bairro foi realizado de uma forma prazerosa, pois ao mesmo tempo em que pesquisava eu entendia um pouco mais do meu povo, eu aprendia muito mais sobre as características do meu bairro, sempre sentindo uma grande identificação com as histórias contadas pelos depoentes, e ao mesmo tempo vinha na minha cabeça memórias da infância onde eu conseguia visualizar grandes transformações espaciais no bairro e no cotidiano, espero que eu possa ter contribuído com esse trabalho para a preservação da cultura desse bairro, a qual eu sinto um enorme sentimento de pertencimento porque afinal não me vejo longe daqui.

FONTES E REFERÊNCIAS

FONTES ORAIS

ARAÚJO, José João de. Depoimento concedido a Rômulo Ivo Araújo Luz. Picos, 2014.

NASCIMENTO, Antônio Francisco do. Depoimento concedido a Rômulo Ivo Araújo Luz. Picos, 2014.

LIMA, José Walmir. Depoimento concedido a Rômulo Ivo Araújo Luz. Picos, 2014.

LUZ, Cleosvaldo de Araújo. Depoimento concedido a Rômulo Ivo Araújo Luz. Picos, 2014.

LUZ, Emília Araújo. Depoimento concedido a Rômulo Ivo Araújo Luz. Picos, 2014.

LUZ, Francisco Agostinho da. Depoimento concedido a Rômulo Ivo Araújo Luz. Picos, 2014.

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, Oswald, Reisado, Um Patrimônio da Humanidade, Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste, 2008.

BERMAN, Marshall. Na floresta dos símbolos: algumas notas sobre o Modernismo em Nova York. In: **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 1986.p.321-394.

CERTEAU, Michel. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. A invenção do Cotidiano: 2. Morar e Cozinhar. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**.4 ed. São Paulo; Ática, 2000.p.7-35.

COSTA, F. A. P. **Cronologia histórica do estado do Piauí**. Teresina: Artenova, 1974.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Historia oral; memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, R. **Picos: os verdes anos cinquenta**. 2. ed. Recife: Nordeste, 1995

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, Pinheiro, cultura popular: Reisado do Mestre Juarez um Marco no Folclore Itaporanguense,2009, disponível em www.webartigos.com/artigos/cultura-popular-reisado-do-mestre-juarez-um-marco-no-folclore-itaporanguense/31425/

NETO, Francisco Teotônio da Luz. **A Genealogia da família Luz**. Brasília: F.T.da Luz Neto, 2003.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROLNIK, Raquel. **O Que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.-(Coleção Primeiros Passos)
Varão, M. G. S. (org.) (2007). **Picos: histórias que as famílias contam**. Teresina-PI: EDUFPI.

ROSENDHAL, Zeny. Espaço, Política e Religião. In: CORRÊA, Roberto Lobato. EROSENDHAL, Zeny. (orgs). Religião, Identidade e Território. Rio de Janeiro:Ed.UERJ,2001, P.09-38.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. Timon: uma cidade sob o reflexo do espelho. In: **História, memória e identidade na cidade de Timon na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007. P.24-60.

TEIXEIRA, Marlene. et al. **Conceito de bairro**- unidade popular ou técnica. Rio de Janeiro, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

Varão, M. G. S. (org.) (2007). **Picos: histórias que as famílias contam**. Teresina-PI: EDUFPI.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense:1850-1930**.Teresina: EDUFPI, 2005.

Censos Demográficos

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico**: 2010.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Rômulo Sora Araújo Luz,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
Cidade e Cultura: Práticas Cotidianas do Bairro Spueiras
 em Picos - PI (1960-2009)

de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 14 de dezembro de 2015.

Rômulo Sora Araújo Luz
Assinatura